

## **Tráfico e Religião: Análise Discursiva sobre a Influência do Protestantismo nos Ataques de Traficantes a Terreiros de Umbanda e Candomblé, no Rio de Janeiro<sup>1</sup>**

Jesica Carvalho SALES<sup>2</sup>  
Valéria Noronha OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Lívia Fernanda Nery da SILVA<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

### **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar, por meio da estrutura discursiva das notícias veiculadas pelos portais folha.uol.com e veja.abril.com, a influência das religiões protestantes nos ataques de traficantes evangélicos a terreiros de religiões de matriz africana, no Rio de Janeiro. Para a realização deste estudo, duas matérias foram selecionadas nos dois portais supracitados, veiculadas no período dos ataques. A metodologia e embasamento teórico são pautados na Análise do Discurso Crítica proposta pela ótica das pesquisadoras Ramalho e Resende (2011) e do linguista holandês Van Dijk (2000), que formula concepções, permitindo apreender o discurso como uma construção histórica e condicionamentos sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso; Candomblé e Umbanda; Ideologia; Tráfico.

### **INTRODUÇÃO**

Atualmente, o estudo da organização das religiões diante das classes populares nas zonas urbanas das grandes cidades vem apontando para a centralidade adquirida por meio de suas ideologias. De acordo com Thompson (1995), apoiado na concepção latente de Marx, a ideologia consiste em um sistema de representações que enganam, escondem e que, ao fazer isso, estabelecem relações de dominação. A partir dessas constatações, esta pesquisa objetiva analisar, por meio da estrutura discursiva das notícias veiculadas pelos portais folha.uol.com e veja.abril.com, a influência das religiões protestantes nos ataques de traficantes evangélicos a terreiros de religiões de matriz africana, por meio das formações discursivas enunciadas pelos autores dos ataques durante a ação.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Piauí, integrante do Núcleo de Pesquisa em Estratégias de Comunicação – NEPEC/UFPI e discente voluntária ICV 2018/2019. E-mail: [carvalhojesicama@gmail.com](mailto:carvalhojesicama@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Piauí, integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Economia Política e Diversidade – COMUM/UFPI e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC 2018/2019. E-mail: [ft.noronha@hotmail.com](mailto:ft.noronha@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora deste trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Vale do Rio Sinos, professora do Centro de Educação aberta e a Distância (Cead) e da Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: [livanery02@gmail.com](mailto:livanery02@gmail.com)

Neste artigo, foram adotadas as percepções das religiões hegemônicas, que se baseiam na Bíblia Sagrada, para criar e propagar suas ideologias. Observa-se que essas religiões vêm se perpetuando desde a adoção do Cristianismo na Europa Ocidental, por meio da conversão do imperador Constantino à religião em 313. Assim, em 391, o Cristianismo se tornou a religião oficial de Roma e se difundiu em outros países, passando a perseguir e a reprimir outras religiões pagãs.

Esta pesquisa traz como proposta realizar um recorte da série de ataques a terreiros de Candomblé e Umbanda, no Rio de Janeiro, em setembro de 2017, tomando como objeto a análise dos discursos apresentados nas matérias dos dois portais supracitados. Dessa forma, utiliza a metodologia e o embasamento teórico da Análise do Discurso Crítica (ADC), sob a ótica do linguista holandês Van Dijk (2000), o qual formula percepções que permitem apreender o discurso como construção histórica, condicionamentos sociais e ideia de endogrupo (dentro) e exogrupo (fora), nos quais evidencia a dicotomia nas práticas dos discursos. Além disso, utiliza conceitos da ADC britânica, trabalhados pelas pesquisadoras brasileiras Ramalho e Resende (2011), acerca das representações de atores sociais, intertextualidade e heterogeneidade constitutiva, traçando um paralelo com os discursos achados nas matérias jornalísticas.

Os motivos que levaram a esta pesquisa partem de estudos que têm se voltado para as estratégias ideológicas, pelas quais as religiões hegemônicas interpretam as experiências de fé das crenças minoritárias e como modificam a maneira pela qual os seus fiéis agem perante o diferente. A intolerância religiosa perpassa tais estudos como fator principal dessas ações. O argumento central dessas doutrinas hegemônicas impõe uma ordem de extermínio do distinto em busca de uma visão de mundo perfeito. Sobre as experiências religiosas, é abordada a perspectiva do culto organizado para veicular sua ideologia por meio de práticas e representações, que manipula um conjunto de símbolos para produzir repressão.

## **RELIGIÕES: ASPECTOS DE REPRESSÃO NA HISTÓRIA DO BRASIL**

O Brasil possui uma dimensão territorial imensa, com recursos naturais propícios à extração e à produção de riquezas, fatores que, na época da colonização deste país, encheram os olhos dos portugueses. Em 1500, os colonizadores aportaram em terras brasileiras e a batizaram de Ilha de Vera Cruz. Exploraram e realizaram contato com os povos originários, denominados por eles de índios. Também fizeram observações da terra e

---

dos nativos que nela habitavam. Na carta redigida pelo escrivão Pero Vaz de Caminha (1500), dentre os relatos ao rei de Portugal era ressaltada a “benevolência” da Coroa, por meio da Igreja Católica e da necessidade de “evangelização” dos povos nativos do Brasil.

Segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar; porque já então terão mais conhecimentos de nossa fé, pelos dois degredados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungam. (CAMINHA, 1500, p. 13).

De acordo com a Carta de Pero Vaz Caminha, todos os habitantes dessa nova terra deveriam se tornar cristãos por dois motivos: o primeiro, pois sendo convertidos ao Cristianismo, os índios seriam mais fáceis de colonizar; e o segundo, parte da premissa de que, para os portugueses, os nativos desta terra eram seres sem alma e, com a evangelização, eles seriam salvos.

Para Martino (2016), a religião é um dos grandes marcadores da identidade de indivíduos, grupos e comunidades. Assim como define quem está dentro da comunidade, define também quem está fora. O caráter religioso no Brasil se deu por esta concepção de anular o que estava fora do que era padrão, ou seja, do que era certo, no caso, o Cristianismo, para os europeus, que ignoravam e excluíram as práticas religiosas dos índios, impondo e doutrinando os indígenas ao Catolicismo.

Os portugueses, ao se instalarem no Brasil, não perseguiram apenas as religiões dos povos indígenas, mas também dos povos africanos trazidos à colônia como escravos. A partir de 1550, a mão de obra indígena foi substituída pela africana. O povo negro trouxe consigo sua cultura, suas crenças e sua história. No que tange à religião, as matrizes africanas são centradas na natureza e na relação do homem para com ela. Os cultos dos povos africanos desenvolvem-se na figura dos Orixás, que “[...] são forças inteligentes da natureza, que influenciam os homens; o verbete orixá, em yorubá, significa algo como ‘dono da cabeça’; em bom português, entende-se que se trata da energia natural, embora inteligente, que age sobre as reações e a personalidade individuais” (SANTOS, 2012, p. 10). Isso quer dizer que os Orixás eram entidades cultuadas pelo povo africano e influenciavam suas vidas. No entanto, para manter sua crença em meio ao condicionamento de escravizados e presos em senzalas, os africanos disfarçavam as entidades nos santos da Igreja Católica, processo reconhecido com “sincretismo religioso”.

---

Segundo Santos (2012, p. 11):

A Inquisição do Santo Ofício, perseguindo hereges e destinando-os à morte em nome do mesmo Cristo, que nos trouxe a vida, pode ter sido fator de fortalecimento da fé africana que, então, escondeu-se sob manto católico, amalgamando-se. Outra possibilidade é a de que os escravos pedissem, a seus donos, autorização para realizar festas na senzala – candombe no ilê – em homenagem a santos católicos que, de alguma forma, lembram os orixás; nestas ocasiões, a festa de senzala honrava, na verdade, o orixá; mas, ao escravista, pareceria resultado positivo da ação de catequese.

Na narrativa da história do Brasil, é possível observar marcas de dominação e repressão das crenças, manifestações e práticas religiosas daqueles que foram escravizados, índios e negros, os quais, reprimidos e “evangelizados”, tiveram que reformular ou até mesmo excluir aspectos das suas religiões, devido à imposição de uma hegemonia religiosa disseminada pelos portugueses como certa. Santos (2012, p. 17) destaca que, “[...] daí o sincretismo se estabeleceu, que parece ter-se baseado, de maneira geral, sobre detalhes das representações religiosas cristãs, que poderiam lembrar certas características dos deuses africanos”. Isto é, os povos africanos adotaram o sincretismo religioso como uma forma de manter suas crenças.

Martino (2016, p.1 4) afirma que este fato é observado na “[...] resistência de denominações e religiões minoritárias, como protestantes e espíritas, mas de um cenário de pluralidade, no qual a dinâmica das denominações religiosas passou a se organizar em termos de uma disputa por espaço – tanto entre as pessoas quanto pelo público”. Dessa maneira, as religiões minoritárias no Brasil, passaram por um processo de resistência à hegemonia da Igreja Católica. Assim, a conquista por espaço tornou-se um dos aspectos relevantes para essas dominações. Eliade (1992, p. 21) assevera:

O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. Esse comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado.

Conforme a pesquisadora, o homem religioso tem em sua prática a busca incessante de viver em um ambiente que se assemelha ao ideal de sagrado, desenvolvido por sua religião, de forma a tornar sua ação religiosa uma prática eficaz de alcançar essa ideologia. Para isso, ele empenha-se em desenvolver mecanismos que mantenham suas convicções

---

em detrimento de outras manifestações religiosas.

Diante do exposto e, compreendendo que a hegemonia religiosa na história do Brasil sempre esteve à frente do processo de repressão das práticas religiosas minoritárias, discutiremos, na próxima sessão, acerca dos conceitos de ideologia e discurso, difundidos na doutrina dessas religiões.

## **IDEOLOGIA, SUJEITOS E DISCURSO**

A expressão ideologia, desde sua criação, sempre teve o conceito ligado à concepção de um sistema de ideias, de onde provêm o significado literal da palavra – o estudo das ideias. Segundo Chauí (2008, p. 25), “[...] o termo ideologia aparece pela primeira vez na França, após a Revolução Francesa (1789) e no início do século XIX, em 1801, no livro de Destutt de Tracy, *Eléments d'idéologie* (Elementos da Ideologia)”. Porém, a expressão só ganha força com o uso crítico desencadeado por Karl Marx, em seus estudos, sobre as estruturas sociais relacionadas à divisão do trabalho. Chauí (2008, p. 30) destaca:

Sendo o conhecimento da formação das ideias, tanto do ponto psicológico quanto do ponto de vista social, sendo o conhecimento científico das leis necessárias do real e, sendo o corretivo das ideias comuns de uma sociedade, a ideologia enquanto teoria, passa a ter um papel de comando sobre as práticas dos homens.

Conforme a autora, a ideologia é um mecanismo de construção de ideias, que, por sua vez, define os comportamentos dos indivíduos em sociedade. Dessa forma, a ideologia está direcionada ao campo da prática, que se equilibra entre a teoria e a ação, podendo ser individuais ou praticadas por sujeitos pertencentes a um determinado grupo social. Xavier (2002) destaca que “[...] o estudo das representações sociais, nessa perspectiva, consiste na análise dos processos pelos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre os objetos sociais, que tornam viável a comunicação e organização dos comportamentos”. Diante disso, a ideologia é um meio de propagação e construção de ações e atitudes que têm como objetivo a manutenção de ideias veiculadas e constituídas em um determinado grupo social.

Portanto, a premissa tem como função transformar ou conservar um sistema social, econômico, político ou cultural. Uma das características principais da ideologia trata do que tange a representação da sociedade. Isto é, há uma reflexão sobre a forma de atuação do indivíduo em sociedade e, baseado nisso, ela elabora um planejamento de ações que se

aproximam daquilo que ele, o indivíduo, considera como sendo a sociedade ideal. Silva (2013, p. 72) reverbera:

Althusser, relendo a obra de Marx para combater a vertente economicista idealista do marxismo, construiu e reconstruiu certos conceitos com o propósito de tratar o sentido da ação social. [...] nesses estudos, ele havia chegado à conclusão de que ideologia tem o papel de determinar o indivíduo como sujeito, ou seja, na medida em que o indivíduo se torna sujeito assujeitado pela ideologia.

Dessa maneira, Althusser desenvolveu concepções acerca da obra de Karl Marx, que partem do conceito de que o sujeito é um ponto principal nos estudos sobre a ideologia, isto é, o sujeito cria ideologias e a partir delas assujeita outros indivíduos. Oliveira (2013) aponta que as representações ideológicas desenvolvidas por sujeitos têm caráter único, subjetivo, formuladas a partir de conhecimentos e crenças pessoais.

Neste sentido, as representações ideológicas são ferramentas de controle social, que transformam os sujeitos sociais em massa de manipulação. De acordo com Thompson (1995), a ideologia é um conjunto de formas simbólicas que são utilizadas no processo de dominação do sujeito em sociedade. Melo e Lima (2016, p. 4) enfatizam que:

O sujeito não é o centro do seu dizer, não exerce controle a respeito do que fala (sujeito descentrado), pois em seu discurso há o ‘outro’, compreendido como exterioridade social. Esta exterioridade social está no interior do sujeito. Ele se constitui em o ‘eu’ e o ‘outro’. O sujeito, assim como a linguagem e o sentido, não é transparente e é preciso considerar que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.

Conforme as autoras, o sujeito não está totalmente centralizado no seu discurso, isso quer dizer que o discurso do sujeito se completa a partir de categorias que até ele mesmo desconhece, como a história, a linguagem e a ideologia. O discurso se inicia no interior do sujeito e traz consigo marcas do “eu” e do “outro”.

Nessa perspectiva, é oportuno ponderar que o discurso é uma forma de difundir as ideias concebidas por determinados grupos sociais, por meio da linguagem verbal ou não verbal. Segundo Pereira e John (2015, p. 4) “[...] a linguagem gera interação entre homens, se tornando uma atividade essencial humana, social e histórica”. A linguagem tem como principal característica a exposição de estruturas discursivas. Oliveira (2013, p. 322) afirma que “[...] a linguagem é opaca, não transparente, o que possibilita a ocultação de relações que podem ser facilmente percebidas por leitores e ouvintes”. Dessa forma, a linguagem trabalha como o meio de propagação de ideologias por meio de marcas discursivas que

---

podem ou não ser concebidas pelos interlocutores de um discurso. Melo e Lima (2016, p. 4) salientam:

O discurso não é fixo, ele se move e sofre transformações sociais e políticas. Ele considera os elementos sociais e ideológicos da história. Para analisar o discurso, é preciso interpretar os sujeitos falando, e também qualquer outra forma de expressão delinquagem, pois a ideologia se materializa no discurso.

Para as autoras, o discurso sofre transformações a partir de características sociais e políticas que se iniciam por meio de marcas ideológicas na história. Isso ocorre conforme a vivência social dos sujeitos que proferem os discursos. Para tanto, a ideia de que o discurso não é fixo parte da visão de que a ideologia se materializa nele e, se a ideologia se transforma a partir do contexto em que está inserido o discurso, modela-se por meio dela. Partindo dessa construção teórica, segue uma análise sobre as notícias veiculadas em portais, acerca dos ataques aos terreiros de Umbanda, no Rio de Janeiro, destacando, por exemplo, a influência do Protestantismo nos discursos dos traficantes religiosos.

## **CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS PRESENTES EM MATÉRIAS SOBRE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA X POSICIONAMENTO CRISTÃO**

O tema aqui proposto para análise tem como objeto discursivo as narrativas veiculadas em dois portais de notícias nacionais, os quais difundiram fatos ocorridos, por meio das suas narrativas, sobre os ataques a terreiros de Umbanda e Candomblé por traficantes convertidos ao Protestantismo, no Estado do Rio de Janeiro, em setembro de 2017. De acordo com Vital da Cunha (2015, p. 21), “[...] os segmentos populares visualizavam nas lealdades primordiais, nas relações de vizinhança e na integração, redes formadas em torno do pertencimento a instituições religiosas”. Em outras palavras, as classes populares buscam na religião uma forma de proteção, e, a partir disso, seguem fielmente as ideologias criadas e propagadas por essas, por meio de seus discursos.

As notícias foram publicadas no Portal [folha.uol.com](http://folha.uol.com), que traz em sua manchete o enunciado “Tráfico evangelizado” (Figura 1), e no Portal [veja.abril.com](http://veja.abril.com), que apresentou o título “Em nome de Jesus” (Figura 2). Seguindo a narrativa dos fatos, os dois portais apresentam a situação: bandidos destroem terreiro no Rio de Janeiro.

Os ataques aos terreiros ocorreram na cidade de Nova Iguaçu, baixada fluminense. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, a cidade possuía mais de 790.000 habitantes, sendo que a maioria se considerava evangélica (IBGE,

2017). Em conformidade com Alves (2012, p. 1), “[...] no estado fluminense, o entorno da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) – a RMRJ, sem a capital – é o local do país onde há o maior aprofundamento das tendências gerais das mudanças religiosas”. Ou seja, a região metropolitana do Rio de Janeiro é a de maior concentração de protestantes. Segundo Van Dijk, deve-se compreender o discurso como uma evidência de um espaço social sobre a ação de sujeitos: enunciação-cognição-social. A partir dessa reflexão descrita pelo do autor, é possível afirmar que o discurso se constitui por meio da dicotomia lugar e tempo e que este é carregado de ditos e não ditos.

Para Ramalho e Resende (2011), a ADC, em um sentido global, é um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos de prática social, relacionado às aplicações da linguagem e ciências sociais. Dessa forma, “[...] a ‘crítica’ visa oferecer suporte científico para a crítica de problemas sociais relacionados ao poder como controle” (p. 12). Nesse sentido, por meio da aplicação de conceitos inerentes à ADC é possível identificar e provocar enfrentamentos no âmbito social, a partir da linguística. Na análise, estabelecemos a identificação das representações dos atores sociais, suas ações, a intertextualidade e a abordagem da heterogeneidade constitutiva dos discursos impregnados nas matérias.

**Figura 1** – Portal folha.uol.com.br



The screenshot shows a news article on the UOL website. The main headline is **'Tráfico evangelizado' é acusado de liderar ataques a terreiros no Rio**. Below the headline is a photograph of a man wearing a white turban and a beaded necklace, standing in front of what appears to be religious statues. To the right of the article, there are several promotional banners and a 'leia também' (read also) section. The banners include 'Livraria da Folha' celebrating 9 years, 'Mês de Aniversário para Você Fazer Festa!', and 'Até 80% Off'. The 'leia também' section lists three related news items: 'Exército voltará à favela da Rocinha se chefe do tráfico retornar, diz ministro', 'Operação no Rio reabre debate sobre limite legal de ação militar', and 'Após 1 semana, Forças Armadas irão desfazer cerco à Rocinha nesta sexta'. At the bottom right, there is a blue button labeled 'Edição impressa'.

Fonte: (UOL, 2017).

A história do ataque ao terreiro e à casa da mãe de santo Carmem Oxum, evidenciada no miolo das matérias analisadas, de gênero informativo, trata de dois sujeitos principais: os agressores, representados por traficantes convertidos à doutrina evangélica; e



---

a vítima, Carmem, praticante da Umbanda e dona do terreiro, cujos objetos foram destruídos.

Conforme Van Leeuwen (2008), em sua teoria da representação de atores sociais, as formas com as quais os atores sociais são retratados em escritos podem representar posicionamentos ideológicos desses sujeitos e de suas atividades. Ou seja, determinados agentes podem ter suas vozes enaltecidas, quiçá silenciadas, ou presumem pré-conceitos sobre o que são ou o que executam. No caso dos atores encontrados nas notícias, Carmem é representada como vítima, em ambos os veículos, além de “ialorixá”, que significa sacerdotisa no Candomblé e “mãe de santo” na Folha *Press*. Ela, que sofreu a agressão, foi oprimida pelo “tráfico evangélico”, expressão pela qual foram designados os atores ativos, os agressores, que, em “nome de Jesus”, cometeram tais delitos.

A condução dos textos jornalísticos leva à identificação com a aterrorizada mãe de santo, enaltecendo o fato de que a intolerância religiosa, citada pela *Veja*, tenha sido promovida por igrejas pentecostais da região e pela propagação de discursos de ódio por meio da internet.

Quanto à intertextualidade, é um fenômeno diretamente ligado ao “conhecimento do mundo”, por meio do qual os indivíduos que possuem esse conhecimento podem compartilhá-lo, ou seja, ele é comum aos produtores e aos receptores de textos. De acordo com Linhares (2010, p. 97), “[...] com a chegada dos anos 90, quando da adoção do sociocognitivismo e do interacionismo bakhtiniano, o texto assume o lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, portanto, evento em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. O autor ressalta que as tendências pós-estruturalistas, iniciadas por Julia Kristeva, buscaram compreender o texto a partir de uma análise social.

Neste caso, a intertextualidade se resume a uma das formas de abordagem de um texto que destaca aspectos inerentes a ele. As matérias *'Tráfico evangelizado' é acusado de liderar ataques a terreiros no Rio* e *“Em nome de Jesus”, bandidos destroem terreiro no Rio* relacionam-se entre si ao discutirem atos hostis a terreiros de matriz africana, no Rio de Janeiro. Dessa maneira, apresentam informações que associam um texto ao outro e vice-versa.

As publicações ainda destacam fatores discursivos, que dizem respeito à Interdiscursividade, ou Heterogeneidade Constitutiva, que é a capacidade de um texto evocar discursos criados anteriormente, ou seja, as matérias apresentam alguns trechos que trazem à tona discursos constituídos em outros, abordando questões sobre a discriminação de religiões de matriz africana (LINHARES, 2010). São eles: “ela é instruída a espatifar

objetos ligados à sua fé, como imagens de orixás, os deuses para umbanda e candomblé”, “diz que igrejas de matriz africana abrigam ‘espíritos imundos’ e praticam o sacrifício de crianças”, “do homem que não queria macumba” e o “terreiro de mãe Carmen foi o oitavo destruído da mesma forma este ano”.

Figura 2 – Portal veja.abril.com.br



Fonte: (VEJA, 2017).

O jornalismo é a área voltada para a coleta, a produção e a veiculação de informações na sociedade com o caráter de interesse público. A imprensa, por meio da atividade jornalística, exerce “poder” sobre a sociedade. Tudo que é produzido passa pela linha editorial do veículo, porém, o que é publicado carrega a subjetividade de quem escreve a matéria. A notícia é a comunicação da informação, ou seja, uma construção que parte de perspectivas concebidas pelos noticiantes.

Para Van Dijk (2000), a escolha de como se enuncia um fato ou um personagem constrói sentidos, sejam eles negativos ou positivos. Percebe-se, na materialização das notícias, trechos como: “Olha aqui meus amigos o capeta-chefe tá aqui. Taca fogo em tudo, quebra tudo! Apaga as velas, porque o sangue de Jesus tem poder”, “Alguns vizinhos ainda aplaudiram” e “Bruxa, macumbeira e feiticeira que alimenta Satanás”, as marcas discursivas que caracterizam aspectos ligados ao Protestantismo, quando os traficantes comparam os objetos e as pessoas que praticam as religiões de matriz africana como coisas do diabo e que, por isso, devem ser destruídas.

Van Dijk (2000) também destaca que os discursos emitidos pelo endogrupo sobre o exogrupo tornam-se dimensões na esfera social. Portanto, as notícias veiculadas nos dois

---

portais, desde a manchete ao corpo do texto, evidenciam marcas discursivas que apresentam a influência do Protestantismo nos ataques de traficantes aos terreiros de matriz africana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, desde o início da colonização, as religiões de matriz africana sempre tiveram suas práticas repreendidas. Para os portugueses, todos os habitantes da colônia deveriam ser convertidos ao Cristianismo para obterem a salvação. Dessa forma, pode-se observar, nas falas dos personagens das duas matérias, o posicionamento que traz aspectos referentes a ideologias presentes nas religiões protestantes.

O ataque dos traficantes aos terreiros de Candomblé e Umbanda, no Rio de Janeiro, foram ensejados pelos discursos das religiões às quais pertencem. Os dois portais analisados apresentaram uma escrita jornalística (viés ideológico) que caracteriza os atos hostis como intolerância religiosa. Assim, as igrejas neopentecostais, como órgãos sociais, podem ser ferramentas fomentadoras de intolerância, remontando ideologias que levam à violência e ao preconceito contra religiões de matriz africana. Nesse contexto, cabe ressaltar que religião e ideologia aparecem como dimensões complementares. A religião é constituída de fins visados pela ideologia, ou seja, há uma visão de mundo que se almeja construir. Essa visão é um dos aspectos concernentes à ideologia. Destarte são examinados diversos âmbitos da experiência religiosa: o individual, o de grupo e o social. A ideologia perpassa por todos esses âmbitos.

Os ataques a terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro são reflexos de uma ideologia (visão de mundo) que decorre de um dinamismo mais radical. Os autores dos ataques estavam centrados na ideologia que considera as religiões de matriz africana como práticas veiculadas ao satanismo, que são conceitos pré-fabricados. Por conseguinte, parece evidente que a religião como ideologia se torna uma arma capaz de criar realidades que induzem os indivíduos a realizar determinadas ações em nome da fé.

Por fim, a Análise do Discurso Crítica, apresentada por Ramalho e Resende (2011), além da ofertada por Van Dijk, propõe cruzar abordagens científicas por meio da aplicação de conceitos para identificar e provocar enfrentamentos no âmbito social, a partir do linguística como na temática encontrada nas matérias objeto desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Brasil e a diversidade religiosa: evangélicos passam católicos na baixada fluminense**. Juiz de Fora: Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ladem/2012/07/05/brasil-e-a-diversidade-religiosa-evangelicos-passam-catolicos-na-baixada-fluminense-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 29 jun. 2018.

CAMINHA, Pero Vaz. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 15000. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 02 de jun. de 2018.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/panorama>. Acesso em: 29 jun. 2018.

LINHARES, Allan de Andrade. Intertextualidade e Produção de efeitos de sentido em Artigos de Opinião. **Revista do GELNE**, Natal, v. 12, n. 1/2, p. 96-107, mar. 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, Religião E Sociedade: Das Palavras Às Rede Digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MELO, Silvia Mara de; LIMA, Virginia Jacinto. O discurso religioso sob as lentes da mídia. **Revista Arredia**, Dourados, v. 5, n. 8, p. 1-15, jan/jul. 2016.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Van Dijk. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 311-336.

PEREIRA, Eloísa Cristina Romão; JOHN, Valquiria Michela. A venda da fé pela mídia: análise do discurso religioso apresentado no programa de TV da Igreja Mundial do Poder de Deus. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-15, jul/dez 2015.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

SANTOS, Ademir Barros. **Religiões**: a matriz africana e seus reflexos afro brasileiros. Sorocaba/SP: Por dentro da África, 2012. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/wp-content/uploads/2014/01/Religi%C3%B5es-matriz-africana.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SILVA, José Otacílio da. Althusser. *In*: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 71-100.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

UOL. 'Tráfico evangelizado' é acusado de liderar ataques a terreiros no Rio. **Folha de São Paulo**, São Paulo 1 de out. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1922713-traffic-evangelizado-e-acusado-de-liderar-ataques-a-terreiros-no-rio.shtml>. Acesso em: 14 jun. 2018.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Cognição, discurso e interação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practices**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

VEJA. “Em nome de Jesus”, bandidos destroem terreiro no Rio de Janeiro. **Veja**, São Paulo, 8 out.2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/em-nome-de-jesus-bandidos-destroem-terreiro-no-rio/>. Acesso em: 15 jun. 2018.

VITAL DA CUNHA, Christina. **Oração de traficante**: uma etnografia. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

XAVIER, Roseane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 18-47, dez. 2002.